

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CARTAS DE ALBERTO SAMPAIO. V PARA LUÍS DE MAGALHÃES.

(sem indicação de autor)

Ano: 1941 | Número: 51

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Cartas de Alberto Sampaio. V para Luís de Magalhães.
Revista de Guimarães, 51 (3) Jul.-Set. 1941, p. 234-264.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

V) — Para LUÍS DE MAGALHÃES

1

Meu Querido Amigo

Não faz idea quanto me tem torturado a noticia, que o meu nome estava incluído na lista dos futuros deputados. Depois de colher varias informações, convenci-me que tinha um caracter quasi official: — fiquei então assustado por consideração ao Ol. M. (1), a quem não queria desgostar. Que fazer? depois de verummar no caso, resolvi escrever-lhe, o que faço hoje, explicando-lhe a minha impossibilidade de ser deputado. As razões que me determinam são muito particulares. Sceptico, excentrico, cada vez mais separado do mundo, nada tenho que fazer em Lisboa, como representante de quaesquer eleitores. Ha alguns annos, talvez fizesse um esforço para corrigir a minha natureza; hoje — *trop tard*. Não assim os meus amigos. São novos, no fundo do seu coração ainda existe uma esperança, estão acostumados á vida social, podem pois aceitar. Eu é que estou em condições differentes, por isso apresente a minha excusa ao Ol. M.

Por este mesmo correio mando-lhe a segunda e ultima parte das *Villas* (2). Fica em seu poder para a mandar compor, q.º for preciso. Vae registado, porq. do ultimo capitulo apenas me ficam uns apontamentos geraes.

(1) Oliveira Martins entrara nesse ano de 1892 para o Ministério presidido por José Dias Ferreira, como Ministro da Fazenda (Vide nota 1 de pág. 209).

(2) O trabalho sôbre «As «Villas», do Norte de Portugal», foi publicado inicialmente na *Revista de Portugal*, e fragmentos na *Revista de Guimarães* (Vols. X a XIV) e na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* (Pôrto, 1895, vol. III, p. 49). Por último, saíu com a amplitude definitiva, na *Portugalia* (Vol. I, 1899-1903).

Amãnhã tenciono sahir d'aqui com ausencia d'uns quinze dias, no caso de o mau tempo não persistir muito. Pode comtudo mandar-me as provas e a sua correspondencia para aqui, pois a receberei com atraso apenas d'um dia. A minha sahida não atrazará muito a revisãõ das provas, o que farei mesmo no campo.

Tomei nota das suas observações relativamente ao meu trabalho sobre o Anthero ⁽¹⁾: quando o tiver em estado de se ler lh'o remetterei. Tenciono publicar umas 7 ou 8 cartas dirigidas ao Germano ⁽²⁾, que incluirei no meio do meu artigo.

Desejando-lhe muitas venturas assim como a sua Ex.^{ma} Senhora e meninas, peço-lhe que disponha sempre com franqueza

Do seu amigo do c.

Alberto Sampaio.

Guimarães; Abril, 10, 92

2

Boamense

Set. 12 ⁽³⁾

Meu querido Amigo

Chegando hontem á tarde de Negrellos, encontrei aqui a sua carta de 7.

Sinto immensamente não poder ir ahi brindar os seus 33, mas qualquer que seja a minha vontade, agora não posso sahir d'esta minha divagação rural. Em todo

(¹) O trabalho de A. S. sôbre Antero de Quental foi publicado em 1896, no «In-Memoriã» consagrado ao genial Poeta, que se havia suicidado a 11 de Setembro de 1891.

(²) O Dr. Germano Vieira de Meireles (Vide nota 2 de pág. 213).

(³) Esta carta não tem a indicação do ano. Como se refere ao 33.^o aniversário natalício de Luís de Magalhães, que nascera a 13-9-1859, vê-se que é do ano de 1892.

o caso, não quero deixar de dizer-lhe como do fundo do coração desejo que venturas e prosperidades ininterrompidas o acompanhem noutros 3 vezes 33. Os gregos diziam que os deuses eram amigos d'aquelles que morriam novos: a mim pelo contrario parece-me que uma velhice serena, com a alma tranquilla e a consciencia forte de se ter feito o bem, é a expressão moral mais superior da vida humana. São estes os meus votos e o meu mais ardente desejo, que lhe endereço.

Não faz idea quanto estimei a sua opinião a respeito das *Villas*. Eu continuo moendo e remoendo o mesmo assumpto. Já agora hei de ver se lhe posso dar todo o possível desenvolvimento, se um dia me resolver a pô-las em volume.

Fiquei tambem muito satisfeito por lhe ter agradado o verde. Pena foi que desflorassem o barril no Caminho de ferro. Mas que lhe fazer? São coisas patrias. Com esses desmandos temos de ir vivendo.

Antes de terminar, rogo-lhe o obsequio de apresentar a sua Ex.^{ma} Esposa as minhas felicitações pelos seus annos, pedindo-lhe que me desculpe da minha ausencia; e de lhe fazer os meus respeitos assim como a sua Ex.^{ma} Mãe. Peço tambem muitos beijos para as suas meninas, e muitas recommendações para seu cunhado (1), Ant. Emilio e Feijó (2).

De mim receba mil abraços e saudades

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

(1) Jaime de Magalhães Lima, casado com D. Maria do Cardal de Lemos Pereira de Lacerda, irmã da Espôsa de Luís de Magalhães.

(2) Refere-se ao Dr. António Emilio de Almeida Azevedo, natural de Aveiro, que foi um distinto magistrado. Após o regicídio occupou o lugar de Juiz de Instrução Criminal, e depois da proclamação da República teve de emigrar, para fugir a perseguições políticas, demorando-se em Londres cerca de 4 anos.

Feijó era o Poeta António Feijó, que foi nosso Ministro na Suécia, intimo amigo de Luís de Magalhães.

3

Meu querido Amigo

Não faz idea de quanto lhe agradeço a sua carta, por me dar noticia dos ultimos momentos de Oliveira Martins ⁽¹⁾; não lhe respondi até hoje, porque desde o fallecimento do nosso amigo tenho andado n'uma tal confusão que difficilmente poderia coordenar meia duzia de linhas; a gente já estava, é certo, quasi prevenida que a sua vida não seria muito longa, mas a precipitação do desenlace final desnorteou-me de tal modo que todo o tempo me tem parecido pouco para sentir a immensa saudade do seu desaparecimento. A falta d'um amigo determina sempre como a atrophia d'uma parte do nosso ser moral; á medida que a morte os vae ceifando, começamos a sentir-nos sós, n'um mundo que se vae ermando d'affeições. Eu creio bem, que não vale a pena discutir, se os desconhecidos são melhores ou peores; pouco importa, porque o ponto capital é que lhes não temos amizade, e sem ella a vida perde o seu maior interesse; tornamo-nos então apenas expectadores indifferentes dos varios successos que formam o drama social.

V., meu querido Amigo, é muito novo e pode fazer ainda novas amizades; na minha idade porem essa esperança é perdida, por isso a dor que me punge, consola-me ao mesmo tempo, visto avivar-me o passado, com o qual tenho de viver os dias que me restam.

Com a perda do Anthero e de Oliveira Martins, apagaram-se dous astros do nosso firmamento moral; que fazer, senão resignarmo-nos com o *fatum* que os levou e deixar que a saudade os conserve sempre vivos na nossa memoria, como se elles de facto existissem! Renovemos pois, consoante me diz na sua

(1) Oliveira Martins morreu em 24-8-1894, com 49 anos apenas.

carta, aquelle estreito abraço, que trocamos, ha perto de trez annos, quando o Anthero nos deixou.

Faça-me o obsequio d'apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora e dar muitos beijos ás suas meninas e J. Estevão (!).

Peço-lhe tambem o favor de dar mil lembranças minhas ao Jayme.

Meu irmão agradece e retribue os seus cumprimentos.

Receba enfim apertados abraços

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

Guim.: Set. 1, 94

4

Guimarães: Out. 13, 94

Meu querido Amigo

Eis-me de novo no velho burgo Affonsino, em quartéis d'inverno; mas por enquanto d'Outomno; e que formosos dias! Não tinha eu razão quando em Moreira, fiado na palavra honrada do Saragoçano, lhe aconselhava que não precipitasse a vindima?

Estes dias fazem-nos saudade; o passado vem-nos ao espirito n'este tom suave e melancolico que nos faz scismar vagamente nos amigos e nas cousas do tempo ido.

Foi n'um destes dias que li o seu artigo sobre o Oliveira Martins. Receba os meus sinceros parabens. O estudo está muito bem feito; é um retrato que dá uma idea exacta do character do nosso pobre amigo. Se o escripto fosse meu, e tivesse de fazer uma se-

(!) As meninas de então, Senhoras de hoje, eram as filhas de Luís de Magalhães, D. Maria Amélia, D. Margarida, D. Joana Inês, D. Maria José e D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães. Seu filho José Estêvão é falecido.

gunda edição, pouco mais o augmentaria. Com uns retoques, umas datas, e mais alguns periodos, fica completo. Porque não o republica com o 1.º capitulo do «Principe Perfeito»? O seu trabalho tem muito valor, e não o deve deixar perdido no «Jornal do Commercio». Ninguem dirá mais e melhor, nem se atreverá dar uma impressão mais nitida do modo de ser do nosso amigo. Aqui tem a minha opinião em poucas palavras, e sem a menor lisonja. Que saudades me fez a leitura (!)?

Que regressasse bem á sua Costa Nova, assim como sua Ex.^{ma} Senhora, a quem apresento os meus respeitos, e o pequeno J. Estevão, ao qual dará muitos beijos e ás suas meninas — eis o que do coração desejo.

Vou ver agora se posso dar um augmento ás *Villas*: se as pudesse concluir este inverno, dar-me-ia por satisfeito.

Peço-lhe o favor de dar muitos abraços ao Jayme.

Meu irmão agradece e envia-lhe os seus cumprimentos.

Receba enfim mil abraços

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

5

Guimarães: Fev. 25, 95

Meu querido Amigo

Recebi, ha dias, a sua ultima de 18, que muito estimei por me dar boas noticias suas e de todos os seus. Eu tenho passado bem, e agora muito ocupado

(!) O extenso artigo de Luis de Magalhães é uma síntese magistral da Obra de Oliveira Martins. Foi publicado em 19 de Setembro de 1894, no N.º 12.232 do «Jornal do Commercio» (Lisboa).

a dar a ultima demão a dous capitulos das *Villas*, que quero ver se termino amanhã. Promptos estes, restam-me só dous outros: não faz idea como desejo ver isto concluido. Pelo correio d'hoje mando-lhe um N.º da *Rev. de Guim.* (1) que tem a «Advertencia preliminar», assim como lhe remetto tambem o *Germinal* que me esqueceu de levar comigo: desculpe-me a demora.

Lamento do coração o incommodo que lhe tenho dado por causa das vides: se topar com alguma difficuldade, peço-lhe que não pense mais n'isso. Sabe que já foi encommendado para França o «Pinot-Cabernet do Lac» (2)? Veremos se chega, e que tal é.

Por fim o Araujo (3) sempre mandou o artigo ao Lukan (4)! Apesar das considerações sandias, ao menos a obra fica completa. Provavelmente para Maio ou Junho estará prompta (5).

As *Villas* não me deixam dispor de mais tempo: estou com a febre de terminar, e por isso não posso ser mais extenso.

Peço os meus respeitos para sua Ex.^{ma} Senhora e muitos beijos para as suas meninas e J. Estevão.

Meu irmão agradece e retribue os seus cumprimentos.

Receba enfim mil abraços

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

(1) Era o fascículo 3.º do Vol. X (1893).

(2) Casta especial de videiras francesas.

(3) Joaquim de Araújo.

(4) Mathieu Lukan, um dos livreiros editores da firma Lukan & Genelioux, proprietários da Livraria Internacional, do Pôrto, e successores de Ernesto Chardron. Hoje a Livraria dos Lelos, nas Carmelitas.

(5) Refere-se êste passo à magistral colaboração de Joaquim de Araújo, no *In Memoriam* de Antero de Quental, intitulada «Ensaio de Bibliographia Antheriana», em Apêndice ao volume, colaboração que talvez tivesse oferecido quaisquer reparos ao editor, possivelmente devido à extensão do trabalho (págs. I a xcvi dos Apêndices). O *In Memoriam* só foi publicado em 1896.

6

Guimarães: Março 31, 95

Meu querido Amigo

Recebi hontem a sua carta de 29, e juntamente com ella as «Cartas Peninsulares» do Ol. Martins (1). Já li as tres primeiras, e que dolorosa impressão me fez a leitura! A gente está a ver aquellas paginas escriptas por um febricitante, que em vão procura desviar com a sua pobre vontade humana o golpe fatal. Essa jornada é um feito espantoso; o nosso amigo, sentindo a vida fugir-lhe, lança-se pelo mundo fora, n'uma arremetida contra o destino: Se a arvore estava ainda em plena seiva! como me dizia na sua penultima. Pobre amigo!

Muito obrigado pois. Pelo correio d'hoje receberá o livro do João Prego (2): creio que lhe ha de agradar; está muito bem concebido e deduzido.

Veremos o que fazem as vides: no meado d'esta semana talvez vá a B.^{se}, e não me esquecerei de examinar se os garfos teem tendencias a puxar: depois a(3).... fará o resto.

Eu cá estou ás voltas com as *Villas*. Alem do que tinha prompto, já revi agora as provas de 2 capitulos, e estou n'este momento a organizar o VII, que é o

(1) As «Cartas Peninsulares» escreveu-as Oliveira Martins, em 1894, ano da sua morte, já condenado pela tuberculose que o havia de vitimar aos 49 anos! Seguiu para Espanha em 5 de Junho, e regressando a Lisboa em 23, com o seu mal agravadissimo, morria em 24 de Agosto. As «Cartas» eram destinadas ao «Jornal do Commercio», onde algumas chegaram a ser publicadas. Editadas em volume, em 1895, vieram precedidas de um esbôço biográfico de Oliveira Martins, escrito por seu irmão Guilherme. Foram as últimas paginas do insigne Historiador.

(2) O livro de João da Mota Prego devia ser o «Estudo do fabrico e conservação do vinho», publicado em Lisboa, em 1894.

(3) Palavra ilegível, que parece ser *chimificação*, para designar o tratamento químico das videiras.

penultimo. Estou com grande desejo de terminar a revisão n'este anno.

Com a minha preocupação das *Villas*, não tenho dado attenção ás cousas hodiernas, mas pelo que tenho ouvido, ainda não mudei d'opinião, que mais dia menos dia teremos qualquer cousa vistosa.

Contaram-me hontem que a reforma eleitoral limita o numero dos advogados e medicos na Camara: que extravagancia! porq. será?

Faça lo favor de apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora e dar muitos beijos ás suas meninas e J. Estevão.

Meu irmão agradece os seus cumprimentos que retribue affectuosamente.

Receba enfim mil abraços

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

7

Guimarães : 4 Dezembro 98

Meu querido Amigo

Estimei immensamente o que me diz em relação ao livro do João M. Prego, pois é de facto uma justiça que o publico fez ao merecimento (1); além d'isto é tambem um symptoma da convalescença economica do paiz. Para mim é fora de duvida que Portugal nunca foi tam rico, como está hoje, visto possuir uma industria fabril quasi completa. Se chega a produzir o pão necessario, terá desde logo equilibrado a sua balança commercial; e estou a ver que isto não estará

(1) O livro de João da Mota Prego era o «Guia práctico para o emprêgo dos adubos em Portugal», Lisboa, 1898, cuja 1.^a edição se esgotou rápidamente, saindo no mesmo anno uma 2.^a edição. Sobre esta obra escreveu Alberto Sampaio uma nota critica na «Rev. de Guimarães» (Vol. XVI, p. 48).

m.^{to} longe. O grande desenvolvimento industrial n'estes ultimos seis annos é testemunho bastante da energia nacional: e agora a venda rapida da 1.^a edição do livro do Prego, e por outro lado as encommendas enormes d'adubos chimicos, que, dizem, os negociantes e as fabricas difficil.^{te} podem satisfazer, são provas de que a attenção está voltada para este assumpto. Conseguir-se-hão aqui resultados tam immediatos, como na industria? Se o Oliveira Martins pudesse ver este rejuvenescimento da riqueza nacional!

Mas se a nossa situação economica é esperançosa, como estamos moral e politica.^{te} cada vez mais decahidos! O meu grande medo é que estas duas decadencias dentro em pouco tragam os maiores embaraços á vida nacional.

Com tudo isto esquecia-me de lhe accusar a recepção da sua carta de 28, e dizer-lhe que fico esperando as suas ordens, como sempre.

Muito me obsequieia, se tiver a bondade de apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora e dar muitos beijos aos seus filhinhos.

Meu irmão agradece e retribue os seus cumprimentos.

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

8

Guimarães: 1 Fev. 99

Meu querido Amigo

Hontem á noite tive conhecimento da sua brilhante resposta na «Tarde» á troça dos *Endireitas* (1).

(1) Saíu no N.º 3.345 da «Tarde», de 30-1-1899, o artigo de fundo a que A. S. alude, sob o título de *Os «Endireitas»*, assinado por Luís de Magalhães. Como este, então deputado pelo circulo de Vila do Conde, proclamasse, num discurso parlamentar, a necessidade de se exigirem ao país os sacrificios indispensáveis á

Tudo quanto possa dizer-lhe de bem, nunca exprimirá o louvor que ella merece. E a razão do meu grande apreço vou ver se lh'a digo com brevidade.

A visita de Moreira ⁽¹⁾, como todos sabemos, não teve nenhum motivo partidario, ninguem pensou em tal, nem de politica lá se tractou, a não ser esta meia duzia de palavras, obrigatorias entre portuguezes instruidos. O que nos prendia a attenção era a leitura do manuscripto do Mousinho que o revelava um homem d'estado; mas tambem é fora de duvida que entre os tres hospedes ⁽²⁾ e o dono da casa — eu fico de fora porque nunca exerci funcções publicas e já agora estou velho de mais para começar, entre todos havia clara uma afinidade politica. Não era precisa a discussão para se patentear, nem é tambem das que se discutem, mas das que rebentam espontaneas na primeira occasião opportuna. Por outro lado (tanto quanto sei de politica, pois as minhas congiminações são outras) creio que está imminente uma mudança profunda na nossa vida publica. Os velhos partidos com os seus velhos processos estão em vesperas d'acabar: e se as circumstancias e condições da actualidade nos não forem totalmente adversas, a vida nacional renovar-se-ha, mas governando-se d'um modo differente. Isto, que anda no ar, deve ser o espectro dos homens de pro-

solução das nossas dificuldades financeiras, a imprensa lavrou immediatamente o seu protesto e tomou as palavras de Luís de Magalhães nesse discurso como o reflexo do programa de um suposto partido politico que, diziam, êle tentava criar, e ao qual, por zombaria, se pôs logo a alcunha de partido dos *Endirettas* salvadores! Tentando confirmar esta falsa hipótese, a imprensa da opposição ao filho do glorioso tribuno José Estêvão aludia ainda a uma reunião secreta de amigos politicos havida em sua casa, em Moreira da Maia. Na realidade essa reunião tratou de assunto muito diverso, como se verá do texto desta carta.

(1) Moreira da Maia, onde Luís de Magalhães tinha a sua Casa, na Quinta do Mosteiro, e onde hoje vive ainda a Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães, Viúva do saúdoso Escriitor.

(2) Os três hóspedes de Luís de Magalhães eram: Mousinho de Albuquerque, que viera ler o manuscripto do seu livro sobre Moçambique, publicado nesse ano (J. Mouzinho de Albuquerque, «Moçambique — 1896-1898», Lisboa, 1899); João Franco, que o acompanhara de Lisboa; e Jaime de Magalhães Lima, cunhado de Luís de Magalhães. Estava também presente Alberto Sampaio.

fissão; e por isso não admira que a visita de Moreira lhes parecesse muito contraria do que foi; na primeira impressão provavelmente irritaram-se, para logo em seguida, segundo a nossa usança, troçarem; d'essa troça sahii uma palavra, cuja significação V. avaliou na sua replica tam penetrante como patrioticamente. Ella é de facto d'aquellas que occorrem sempre inconscientes ao primeiro que as pronuncia, ou seja um trocista politico, um janota do Chiado, ou o seu velho Ferreira (1); pertence á familia dos apelidos anonymos que caracterizam a fundo um partido ou a situação politica d'um paiz. A denominação d'*Endireitas* não podia aparecer, senão quando o aleijado está ameaçado de não mais se poder mexer e quando se apontam homens de boa vontade, capazes de reduzir os aleijões e pôr a andar outra vez o das pernas quebradas. Tendo-se dado portanto um ensejo em que se manifestasse claramente a afinidade, de que lhe fallei acima, bem haja, porque não hesitou um momento em confessal-a em publico e raso: e assim ficamos sabendo, que se o doente reconhecer a incapacidade dos medicos profissionais, encontrará nos *Endireitas* os pulsos herculeos dos seus antigos conterraneos de Rio Tinto (2). E eis porque li com tamanho apreço a sua declaração na *Tarde*, que é ao mesmo tempo o programa d'um partido politico de renovação.

Recebeu uma carta que lhe escrevi, ha 2 dias? e dirigi para a Camara dos Deputados, como vae esta.

Aceite um grande abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

(1) O «velho Ferreira» era o feitor de Luís de Magalhães. Muito dedicado e trabalhador, esperto e engraçado, era, no dizer da Ex.^{ma} Viúva do Escriitor, um interessantissimo tipo de minhoto.

(2) Referência á celebrada *dinastia* dos «endireitas» de Rio Tinto, familia de curandeiros bem conhecida, há muitos anos, naquella terra, e cuja inconsciente habilidade para levar ao seu lugar os ossos deslocados dos pacientes que se lhes entregam, tem passado de pais a filhos.

Guimarães: 15 Ag. 99

Meu querido Amigo

Pelos jornaes já deve ter sabido que estamos sem o Sarmento (1). Enterramo-lo no sabbado. Mais um amigo que vejo desaparecer. As saudades, que deixou a todos que o conheciam, são immensas: mas eu tenho mais razão que qualquer outro de sentir a sua morte, por ser uma das poucas pessoas, com quem eu convivia aqui. Não faz idea, como me entristece esta solidão, que todos os dias augmenta em volta de mim!

A sua intelligencia estava em pleno vigor; se o corpo não succumbisse, que largos e grandes passos não faria dar á sua obra da ressurreição dos tempos pre-historicos do occidente peninsular? O fortuito da vida mandou o contrario, e n'um momento afundiu-se tudo.

Os legados do seu testamento surprehenderam-me e fizeram-me uma funda impressão: deixou as ruinas da Citania e os clichés dos objectos lá encontrados á Camara Municipal com a administração da Sociedade Martins Sarmento, e a esta a sua casa d'habitação, que é um palacete, como hoje se diz, apenas sugeita a um usufructo, a livraria, e uma quinta para com o rendimento d'ella continuar com as explorações archeologicas. Estas disposições provam a convicção que apoz a sua morte os trabalhos continuariam; e talvez assim

(1) Sarmento morrera seis dias antes da data desta carta, em 9 de Agôsto. E' curiosa a freqüência dos múltiplos de 3 nas datas da vida e morte de Sarmento: nasceu a 9 de Março do ano de 33, morreu a 9 de Agôsto do ano de 99, contando 66 anos de idade.

seja (1): seja como for porem, esta esperança devia ser uma suprema consolação.

Não fallando no sabio, era um caracter d'ouro, sempre prompto a apaixonar-se e auxiliar quanto era bom. Acabou-se. Resta a saudade, que é a flor imarcessível do coração humano.

Desculpe-me fallar-lhe em coisas tam tristes; mas as linhas antecedentes não são mais que um desabafo.

Dirijo esta para a Costa-Nova, pois creio que estão ahí, pelo que me disse na sua ultima, ha muitos dias; e que chegassem todos de saude e estejam muito bem é o meu desejo.

Nós ainda nos demoramos aqui esta semana; só partiremos no principio da proxima; no dia da ida, eu lh'o mandarei dizer n'um bilhete postal.

Peço os meus respeitos para sua Ex.^{ma} Senhora e muitos beijos para a sua pequenada.

Quando estiver com o Jayme, muito me obsequieia se lhe fizer muitas lembranças minhas.

Meu irmão manda-lhe os seus cumprimentos.

Receba emfim um grande abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

10

Guimarães : 21 Set. 99

Meu querido Amigo

Não faz ideia o bem que me fez a sua carta de 17. Confesso-lhe que comecei a chorar com as primeiras linhas, e as lagrimas terminaram só na ultima: mas

(1) Assim foi e tem continuado a ser, mercê dos rendimentos com que Sarmiento assegurou no seu testamento as futuras escavações, e também das verbas concedidas para o mesmo fim pela Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, a partir de 1930.

imediatamente senti uma desopressão immensa. Mil vezes obrigado.

Fallemos ainda de meu pobre irmão (1). Quando lhe escrevi a minha penultima carta elle estava de facto melhor; chegou a levantar-se uns tres dias: foi então que eu lhe escrevi; mas pouco depois a doença recrudescceu, e com este recrudescimento um susto e inquietação, que comprehende como seriam intensos. Por outro lado eu occultava a mim mesmo a minha desesperança, e muito menos a podia communicar; até que enfim ao cabo de 5 semanas tudo se terminou.

Meu irmão, ha meses, andava muito doente, mas ia vivendo e viveria ainda, se não fosse a morte do Sarmento, que lhe causou um abalo tam profundo, contra o qual o seu organismo não pôde reagir. Sempre que se encontravam, fallavam nas suas molestias, e diziam-se que andavam ao desafio; quando lhe deram parte da morte do Sarmento, disse — «agora vou eu». E o que é mais notavel ainda é que os dois nos seus delirios fallavam sempre um no outro.

Do vasio moral em que me deixou o seu desaparecimento não lhe fallo, porq. da sua carta vejo que o conhece em toda a sua profundidade. Eu sei que é dever nosso reagir; mas esta falta condemna-me a uma solidão que me aterra.

Peço-lhe o obsequio d'agradecer em nosso nome a sua Ex.^{ma} Esposa a mercê que nos fez, lembrando-se de nós n'esta occasião, a mais angustiada da nossa vida, pois tanto eu, como minha cunhada e sobrinha lhe apresentamos os nossos cordiaes agradecimentos.

Na proxima terça-feira sahimos d'aqui para Boa-

(1) O Dr. José Sampaio, notável jurisconsulto, irmão muito querido de Alberto Sampaio, foi casado com D. Maria José Leal Sampaio. Deixou um filho, o Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Dr. António Vicente Leal Sampaio, e uma filha, D. Maria Henriqueta Leal Sampaio de Carvalho, ambos ainda vivos, felizmente. José Sampaio exerceu por largos anos a advocacia em Guimarães, falecendo no dia 15 de Setembro de 1899, com 58 anos. Foi grande amigo de Martins Sarmento, de quem traçou as notas biográficas, no 1.º Vol. da «Rev. de Guimarães» (págs. 35 e ss).

mense (1), e de lá lhe escreverei, logo que possa. Por enquanto ficamos ali.

Quando regressar a Moreira, irei dar-lhe um abraço e desabafar consigo.

Rogo-lhe que se não esqueça de fazer os meus respeitos ás Senhoras e dar muitos beijos aos seus filhinhos.

Receba enfim um estreito abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

11

Guimarães: 28 Março 1900

Meu querido Amigo

São oito horas da manhã: ando a arranjar as minhas coisas, pois ás 11,20 partimos: e agora de vez (2). Não imagina que sensibilidade a minha n'esta occasião! Mal lhe posso escrever. As saudades do passado... creio que são ellas... dilaceram-me o coração; ou o pressentimento d'um futuro... que futuro?

Vou ver se posso resumir em poucas palavras o que lhe queria dizer e talvez sinta um alivio de conse-

(1) A Casa de Boamense, que pertenceu a José Sampaio, é na freguesia de Cabeçudos, Concelho de Famalicão. Nas cartas do historiador é freqüente a abreviatura de Boamense das seguintes maneiras — *Bse.* e *Bs.*

(2) Alberto Sampaio, que morreu solteiro, viveu sempre com seu irmão José, em Guimarães. Após o falecimento d'este, retirou-se de Guimarães e passou a morar, ora na Quinta de Boamense, que pertencia a seu irmão, ora no Pôrto, em casas de hóspedes, primeiramente num 2.º andar do prédio n.º 335 da Rua Formosa, e mais tarde no prédio n.º 200 da Rua da Alegria.

guir esquecer, por um instante que seja, as minhas preocupações.

No sabbado (24) escrevi-lhe para Moreira a dizer-lhe que Domingos Pereira sempre se resolvia a ir para seu feitor, mas quanto á mulher nada estava resolvido: aceitei-o a elle só, por me parecer que era meia difficuldade vencida e que por fim a mulher sempre o acompanharia. Ficamos d'elle se apresentar em Moreira depois da sua volta de Lisboa: como me não accusou ainda a recepção d'essa carta, mando n'esta o resumo do que lhe dizia n'ella e creio que o comprehenderá apesar d'escripto a muita pressa.

Pode dirigir-me as suas cartas para Boamense.

Adeus, meu Amigo; volta a sensibilidade e é força terminar.

Faça-me o obsequio d'apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora.

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

Esta carta cruzou-se com a sua ultima — depois d'esta escrevi-lhe um bilhete postal para Moreira.

12

Boamense: 30 Março 1900

Meu querido Amigo

A sua carta de 26 chegou a Guimarães somente no dia 28, depois da minha partida: recebi-a hontem aqui, remettida por meu sobrinho.

Horas antes de sahir, escrevi-lhe meia duzia de linhas á pressa: não sei se pôde ler aquelles gatafunhos. Estava n'uma extrema sensibilidade; arrumava as ultimas coisas do meu ninho de tantos annos: fechada a sua carta, empacotei o tinteiro: n'esse

momento a memoria representava-me com uma luz fulgurante os castellos em mim do meu passado: e que illusões! Hoje vou melhor: cahi n'uma tristeza calma, que por fim tambem ha de desapparecer. Hontem passei o dia a tractar de negocios: não lhe parece, que ás vezes é uma providencia a gente ter d'isto, para se distrahir?

Não quero fallar-lhe em mais melancholias: preciso de desviar a «folle du logis» para outro assumpto, a ver se, por um instante ao menos, consigo não repisar em maguas que se não consolam. Vamos ás suas coisas. Vou mandar chamar Domingos Pereira e preveni-lo que arranque a vida, de modo a estar prompto no seu regresso. Queira Deus que elle satisfaça o logar com pleno agrado seu: pois para mim é grande prazer ajuda-lo a resolver essa difficuldade de pessoal. Veremos... Mas tenho fé que o homem lhe ha de agradar.

O arado deve estar prompto por 10 d'Abril; e pode ser que tenha carro n'essa occasião que lh'o leve directa.^{te} a Moreira. Fiz as mais instantes recommendações para a construcção ser o melhor que o homem pudesse fabricar. Lembro-me que seria bom mandar-lhe um ferro (relha) suplementar, que custa apenas 500 rs. Se não mandar o contrario, elle lá lhe apparecerá.

Muito e muito obrigado pelo incommodo que vae ter com o negocio de meu sobrinho: se a generosidade do Alpoim lhe conceder a transferencia, estou a ver que não se effectuará, antes de passar a lei do limite da idade. N'essa occasião fará tudo provavel.^{te}

O meu grande desejo é que fizesse a jornada sem incommodo, assim como sua Ex.^{ma} Esposa, para quem peço os meus respeitos, e que tenham ali uma estação, cheia de venturas.

Receba enfim um grande abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

Porto — H. do P. (1): 21 Ag. 1900

Meu querido Amigo

Pouco antes de receber a sua carta d'hontem, já meu sob.º que veio hoje aqui e regressa logo, me tinha confirmado que não houve engano; pois mal recebeu o bilhete a que me referi n'uma das minhas ultimas, foi immediata.^{te} informar-se, e ficou certo que tudo correrá direito. Houve n'isto uma circunstancia que muito ajudou: á vista lh'a exporei para o não massar agora.

Avalio bem quanto o deve ter entristecido o fallecimento do Eça de Queiroz (2), impressão dolorosa que ha de persistir ainda por m.^{to} tempo, até se delir n'uma doce saudade perenne. Todos marchamos para aquelle descanso eterno: um hoje, outros amanhã. E' o destino do mundo: se a natureza fosse benéfica, tinha-nos tirado a sensibilidade: mas tambem faltava-nos um dos maiores encantos da vida, o de chorar e relembrar as pessoas idas que nos foram caras. Sem o querer, estou a agravar uma ferida: perdoe-me.

Dou-lhe parte que na proxima 5.^a feira vou para B.^{se}, e no sabbado para Guimarães, com pouca demora, voltando no domingo á noite, ou 2.^a feira pela manhã a B.^{se}, onde fico ás suas ordens. Tinha tenção d'esperar pela *Portugalia*, mas como me parece que terá uns dias de demora, recebel-a-hei lá.

Que passem todos da melhor saude e com o maior descanso, é o meu desejo; e queira ter a bondade de fazer os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Esposa.

(1) As iniciais *H. do P.* significam *Hotel do Pôrto*.

(2) Eça de Queiroz morreu em Paris, a 17 de Agosto de 1900, com 57 anos.

M.^{tas} lembranças para o Jayme e receba um apertado abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

14

B.^{se}: 8 Set. 1900

Meu querido Amigo

Mal imagina quanto estimei a sua opinião a respeito do meu artigo sobre o Sarmiento (1). Estava muito duvidoso se teria conseguido n'aquellas poucas linhas dar uma idea d'elle. Fallei apenas do homem moral, porque o Ricardo Severo resolveu dar mais tarde uma longa exposição dos seus trabalhos (2): agora o que cumpria era desenhar somente a traços largos o seu character e a sua vida. Felizmente pela impressão, que lhe deixaram as minhas linhas, vejo que obtive alguma coisa.

D'esta feita sempre recebi o seu discurso; já o reli, e cada vez o acho melhor (3). Renovo os meus parabens.

O circulo de Bouças seria de facto uma catas-

(1) Este artigo, que é um retrato magistral e sóbrio de Martins Sarmiento, foi publicado na *Portugalia* (Vol. 1, p. 417).

(2) Ricardo Severo inseriu na *Portugalia*, logo a seguir ao artigo de Alberto Sampaio, uma relação bibliográfica dos trabalhos de M. Sarmiento. Artigo contendo uma relação mais circunstanciada sobre a Obra do insigne Arqueólogo vimaranense foi publicado pelo Abade de Tãgilde, no Fascículo Especial da «Revista de Guimarães» consagrado a Sarmiento em 1900, intitulado «Os últimos quinze anos» (Vide op. cit., p. 14 a 23). Finalmente, a «Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães, 1933, include um *Esbôço bibliográfico* do insigne pre-historiador, por Mário Cardozo, que já anteriormente publicara a *Bibliografia Sarmentina* (1927).

(3) Trata-se de algum discurso parlamentar de Luis de Magalhães, que então era deputado pela Póvoa de Varzim.

trophe para a paz da sua vida: mau é já o da Povoá (1), mas peor, mil vezes peor, o outro: ficar d'esta vez em casa, era de facto o melhor, tanto mais que o Ministerio Endireita é uma hypothese longinqua: naturalmente o Hintze tem diante de si ainda uns 3 ou 4 annos de governo, periodo que tem sido o regular nos ultimos tempos; e durante elle convinha-lhe sobretudo deixar-se ficar a parafusar nas coisas ao canto do seu lar. Mas se não puder ser, então aconselho-lhe que prefira um circulo de longe.

Estimei immensamente as boas noticias que me deu de si e de todos os seus, e das melhoras de sua Ex.^{ma} Mãe, a quem apresento os meus respeitos, assim como a sua Ex.^{ma} Esposa: e que continuem do mesmo modo e toda a sua pequenada, é o meu desejo.

Sabe que descubri uma interessante relação entre o preço do vinho e o dos cereaes, e que explica por si só o desenvolvimento da viticultura? A' vista lh'a exporei: creio que d'ella se podem tirar proficuas induções. Basta por hoje. Quando estiver com o Jayme terá a bondade de lhe fazer lembranças e receba um grande abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

15

B.^{se}: 13 Maio 1902

Meu querido Amigo

Tambem senti immenso não ter ido á feira (2): mas d'esta vez a culpa não foi minha. A' chegada de meu sobrinho reli a sua carta, e verificamos que a sua vinda estava dependente de telegramma; — como elle

(1) Luís de Magalhães foi eleito deputado, em 1897, peló circulo de Vila do Conde, e em 1899 e 1900 pela Póvoa de Varzim.

(2) A feira anual de Famalicão, em 8 de Maio.

não chegou, não fui. Paciencia! Por tal motivo adiei o prazer de o ver e conversarmos. Agora não será por muito. A minha revisão está quasi concluida. O que me prende por alguns dias aqui é um negocio — a tiragem do vinho ⁽¹⁾. Provavelmente irei para o Porto logo no principio da semana proxima, com os meus papeis promptos. E assim dou-me por arrumado das «Villas».

Para me distrahir da minha má prosa, nos intervallos fui relendo Fern. Lopes na Chr. de D. Fernando. Como são parecidos os nossos tempos com os da morte do Rei! A mesma tristeza, o mesmo desalento, e a mesma submissão. E para não faltar a *Vida nova* ⁽²⁾, que já é tam velha, deixe-me transcrever-lhe meia duzia de palavras da *falla* que os homens bons de Lisboa fizeram á Rainha D. Leonor — «por quanto nos disserom que vossa teemçom he de correger os malles e danos, que os poboos do Reino ataaqui receberom, e ora avemos de fazer comvosco vida nova...» A mesma maneira de sentir quer seja ao findar do seculo XIV quer nos principios do XX. Como se repete a historia? Resta ver, se a crise actual terá um desfecho mais ou menos parecido com o da outra.

O resto das philosophias fica para a vista. Em todo o caso não acha interessante esta paridade do pensamento nacional?

Muito desejo que continuem todos da melhor saude, e que sua Ex.^{ma} Mãe tenha tido algumas melhoras. Faça-me o obsequio de lhe apresentar, assim como a sua Ex.^{ma} Esposa, os meus mais respeitosos cumprimentos. Muitas recommendações para os seus filhinhos. E até á vista.

Receba um grande abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

(1) «Tiragem» deve significar aqui, atendendo à data da carta, o acto de retirar o vinho da adega para venda.

(2) Acerca do movimento politico designado por «Vida nova», veja-se a nota 1 de pág. 201.

Porto: R. F. (1) 335, 2.º; Maio 31, 1902

Meu querido Amigo

Parto amanhã de manhã para Bs. no tram. das 9,50. Vou ver minha Cunhada, que tem passado um pouco doente com uma forte constipação. Como vê é incommodo passageiro e por isso a minha demora não se prolongará além d'uns dias. Conto regressar aqui no fim da semana; talvez volte na 5.ª feira á noite. De lá lhe escreverei.

Quanto ao artigo, depois de copiado e relido, convenci-me que as conclusões eram scepticas, e por tal motivo aquelle palavriado improprio para o orgão d'um partido, por sua natureza affirmativo à *outrance*. O scepticismo ali é um pecado mortal. A questão devia ser tratada d'outro modo; isto é, expôr as velhas crises mais proeminentes na nossa historia e a sua solução, como exemplo d'animo para a liquidação da crise actual: do mesmo modo como já se resolveram as difficuldades antigas, se resolverão tambem as produzidas pelo novo regime da Divida externa; novos homens estabelecerão um regime economico de forma a podermos viver com a parcimonia, que nos resta, a vida d'um povo civilisado. Isto leva-me para outros horizontes; o remate seria então a famosa frase de Pombal — «enterrar os mortos e cuidar dos vivos».

Não é assim? — Creio que concordará commigo: e por isso deixo o meu artigo na gaveta. Se o quizer, como uma recordação, na volta dar-lh'o hei para o guardar (2).

Em virtude da minha ida imprevista não procurei

(1) R. F. são as iniciais de *Rua Formosa*; ali se encontrava A. S. numa casa de hóspedes, fronteira ao Mercado do Bolhão.

(2) Infelizmente, não foi encontrado este artigo inédito de Alberto Sampaio.

o Ric. Severo; quando vier, irei a casa d'elle pedir-lhe o Haupt (1), cuja leitura fica reservada para então.

Faça-me o obsequio d'apresentar os meus respeitosos cumprimentos a sua Ex.^{ma} Esposa, e muitas recommendações para os seus filhinhos.

Receba um apertado abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

17

B.^{se}
Ag. 10 (2)

Meu querido Amigo

Estimei immenso as' noticias que me deu de ter já readquirido sua Ex.^{ma} Esposa as antigas forças; as aguas da Felgueira fizeram-lhe mais perturbação que em mim. Graças porem ao conforto e repouso do *home*, dentro em pouco estará no estado normal. Eu estou bem do physico em geral, e localmente tambem melhorei um pouco. Não sei se as melhoras persistirão. O medico aconselhou-me que voltasse lá em Setembro. Por este anno tenho feito. Mas não digo o mesmo para o anno. Segundo elle deve-se ir em Junho fazer um tratamento, e repetil-o em Setembro. Este processo não me parece de todo mau. Ao menos a gente vae-se distrahindo e entretendo a imaginação.

(1) Mauricio Haupt, filólogo alemão, falecido em 1874. Professor de filologia clássica e germânica, notabilizou-se principalmente pelas suas edições criticas de autores latinos e de antigos poemas alemães.

(2) Esta carta não tem a indicação do ano. E' de 1902, segundo informação da Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães.

De sua Mãe é que as noticias não foram taes, como eu as desejava. A estas horas já deve ter falado com o M. Correa (1), e quando me escrever, não se esqueça de m'as dar.

Eu cá estou botado aos calhamaços. A minha nova coisa já está baptisada: ora veja, se lhe agrada — «As póvoas marítimas do norte de Portugal» (2). Parece-me exprimir o meu pensamento: ao trabalho da terra segue-se o do mar; ás «villas» rusticas as povoações costeiras. Ao contrario do Jayme, arranjei o titulo antes do livro. E' como se dividisse a pelle do urso... Em todo o caso tenho divertimento para largos annos, se houver de os viver.

E' inutil dizer-lhe quanto desejo que o M. Correa encontre sua Ex.^{ma} Mãe em estado d'ir passar umas semanas á Costa Nova, e que tenha lá uma boa e tranquilla estação marítima.

De casos usuaes apenas lhe direi que o vinho é m.^{to} pouco; as vides porem estão boas. Em Braga e outros sitios, onde não tractaram contra o mildew, elle destruiu tudo — cachos e folhas. E que me conta das suas experiencias relativas ao trigo?

Faça-me o obsequio d'apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Esposa, e aos Srs. Condes d'Atalaya, se ainda ahi estiverem; muitas lembranças aos seus filhinhos.

Receba um grande abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

(1) Refere-se ao falecido médico Dr. António Maria Esteves Mendes Correia, natural de Vagos, pai do illustre Antropologista e actual presidente da Câmara do Pôrto, Dr. Mendes Correia.

(2) «As póvoas marítimas do norte de Portugal», foram publicadas na *Portugalia* (Vol. II, Pôrto, 1905-1908), até ao fim do cap. III. Na reunião em volume das Obras de Alberto Sampaio, sob o título de «Estudos históricos e económicos» (2 vols., Pôrto, 1923), foram acrescentados mais dois capitulos inéditos àquele trabalho. Encontravam-se ainda em esbôço, pois a morte não dera tempo ao historiador para os acabar.

18

B.^{se}: Maio 11, 1904

Meu querido Amigo

Está em meu poder a sua carta de 5, que recebi em tempo oportuno. Agradeço-lhe muito o trabalho que teve com a minha coisa. Por fim já cheguei a uma conclusão, precisando todavia de verificar umas passagens em certos autores, o que farei no meu regresso, na biblioteca do Porto. No *Portug. Ant. e Mod.*, Vol. XI p. 671, do Pinho Leal encontrei a inscrição da sepultura de D. Monio, a qual me resolveu e me fortificou na data do acontecimento. Em vista de todas as circumstancias especiaes, não me pareceu que o seu filão me pudesse servir. Veremos se lhe agrada a minha solução. A lenda do Rei Ramiro está também concluída. Por fim o que interessa ao meu assunto é o facto de terem sido duas expedições marítimas entre os novi-godos: e as noticias são tam poucas que é necessario aproveitar tudo (1).

Eu tenciono regressar ao Porto no próximo sábado. Minha cunhada está melhor, pelo menos no seu estado normal: por isso no fim desta semana voltarei á R. Formosa e na segunda nos encontraremos em Cedofeita (2).

Estimei imenso as boas noticias que me deu de si e de todos os seus, sendo o meu desejo que contínuem sempre da melhor saúde.

Já tenho de lado o Romanceiro do Teófilo que lhe levarei, consoante a sua recomendação.

(1) Referência às empresas guerreiras marítimas, de desembarques na foz do Douro, levadas a efeito pelos néogodos contra os sarracenos. A primeira attribuída a Ramiro I; a segunda aos cavaleiros chamados «gascos», entre os quais D. Monio. (Vide Alberto Sampaio, «Estudos Históricos e Económicos», Pôrto, 1923, Vol. I, pág. 277 e ss. e pág. 423).

(2) Na rua de Cedofeita, n.º 133, do Pôrto, era a casa onde vivia a Mãe de Luís de Magalhães, D. Rita de Moura Miranda de Magalhães.

A não ser destas velharias, nada sei. Dou-lhe os meus parabens pela abstenção francácea nas eleições, pois com ela tenho as maiores esperanças de ver em pleno seguimento o seu romance.

Faça-me o favor de apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora e a todos os seus filhinhos.

Receba um gr. abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

19

B.^{se}: Maio 26, 1904

Meu querido Amigo

Posto que já se passassem uns dias depois da leitura do Capitulo do seu romance, conservo ainda viva a impressão que me fez nêsse momento. Renovo os meus parabens e repito o abraço, ia a dizer, um cento dêles. E bem os merece. Foi duma rara felicidade tanto na combinação dos assuntos, como na sua brilhante exposição: pajina da vida social, e pajina da história patria, qual será a mais bela (1)? Feliz calma política, que lhe deu uns instantes de repouso tam excelentemente aproveitados.

Cá cheguei na Terça, como lhe tinha dito. Minha cunhada está com uma constipação, proveniente da instabilidade metereolojica que estamos atravessando: mais um incómodo, junto aos antigos. Creio porem que em breve se restabelecerá. A minha demora não é muita. Talvez no principio da semana próssima regresse ao Pôrto. No entretanto vou trabalhando nas *Póvoas*, sem pressa, porque a publicação da *Portugalia* está muito atrasada. Com isto e com várias leituras assisto a este desconchavo da natura, que se diverte a irritar-nos com mau tempo, quando a gente

(1) O romance de Luís de Magalhães, que ficou por concluir, intitulara-se «O Problema da Vida».

desejava agora calor e sol. Mas enfim, "Deus super omnia".

O meu desejo é que passem todos da melhor saúde. Faça-me o obsequio de apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora e a toda a sua tribu.

Receba mil abraços

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

20

P.: R. F. 335, 2.º: Julho 9, 1906

Meu querido Amigo

Cheguei no sábado passado. Vim prestar aos nossos amigos a minha insignificante homenagem.

Da recepção, cheia de espontaneidade, não lhe falo, porque já terá dela notícias circunstanciadas. Deixe-me, todavia, notar alguns incidentes característicos. No fim da conferência ⁽¹⁾, ouvi a um popular a seguinte frase — "O homem quer fazer disto qualquer coisa". Estas palavras mostram que está ganha grande parte da confiança da população, o que é tudo, porque sem ela não pode haver governo reformador. Rasgou-se o delgado veu, que separava o Franco dos portuenses. A sua sinceridade, a sua forte e expansiva individualidade, lançou-lhos nos braços. A' saída da casa do J. Novaes ⁽²⁾, um desconhecido, entre-popular-e-burguês, com quem abalroei, gritou-me — "¿E digam lá que o Franco não tem aqui amigos?!" É ao chegar a minha casa, dum grupo de sobrecasacados saía esta exclamação — "¿Quê?! pois o presidente do conselho falou ao povo da janela?!"

A visita tomou assim um carácter muito diverso

(1) Visita de João Franco ao Pôrto, onde realizou uma conferência de propaganda política e eleitoral, no Teatro Príncipe Real.

(2) José Novais, Ministro da Justiça do primeiro Ministério de João Franco, do qual também fizera parte Luís de Magalhães, como Ministro dos Negócios Estrangeiros.

da norma usual. Dir-se-ia que pela primeira vez as gentes fraternisavam com os ministros, e não fique sem se notar a tipoia de praça, que os levou em parte do trajecto. ¿ Viu já porventura alguma cousa menos conselheiresca numa recepção destas?

No bota-fora, na estação de S. Bento, por mais esforços que eu fizesse, não consegui atravessar a multidão compacta que cercava os nossos amigos: e partiram sem eu lhes poder dar o adeus de despedida.

Demoro-me aqui na semana corrente e na próxima. Aproveito êste calor, para fazer algumas investigações na biblioteca, em cujas grandes salas a gente agora não sente frio.

Faça-me a mercê de apresentar os meus mais respeitosos cumprimentos a sua Ex.^{ma} Esposa e filha.

Receba um grande abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

21

Porto: R. Formosa 335, 2.º: Fev. 17, 1907

Meu querido Amigo

Escrevo hoje de novo com o fim de lhe exprimir a minha satisfação pelo resultado das duas sessões da câmara baixa, relativas aos sanatórios (1): e como o assunto tem no fundo os alemães, deixe-me comunicar a minha alegria, pois alegria comunicada, segundo um proloquio dêles, é alegria duplicada. Pelos extractos que me chegaram depois da minha anterior, é fora de dúvida que o govêrno, sem frases bombásticas, sem acusações nem uma palavra de recriminação, mas só pela sua franqueza, sinceridade e lealdade venceu dum

(1) Questão levantada no Parlamento contra o Govêrno franquista, a propósito dos sanatórios da Madeira, concessão feita, por um govêrno anterior, a súbditos alemães, que em vez de sanatórios estabeleceram naquela ilha clubs de jôgo. O Govêrno de Franco, porém, nenhuma responsabilidade tinha neste assunto.

jacto a mesquinha embrulhada que os políticos de má fé andavam a urdir. "Sancta sanctis", tudo entre os bons se justifica, consoante a versão proudhoniana. Sim, meu amigo, o carácter é tudo; com êle venceu agora o govêrno, e de futuro vencerá também na liquidação da contenda. Das suas palavras vejo que ela vai entrar numa fase favorável. Assim seja para bem de todos nós: mas se o não for, jamais ficará o govêrno com responsabilidades que não tem.

E com isto receba um grande abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

22

B.^{se}: Junho 2, 1907

Meu querido Amigo

Só hoje respondo á sua carta de 26 de Maio, porque estive á espera de não ter necessidade de rabiscar qualquer bilhete; o escrever ainda me fatiga um pouco.

Avalio a sua alegria pelo regresso a casa e libertação do pesado encargo que lhe puseram aos hombros (1). A política exclui toda a delicadeza espiritual que tem sido a sua vida: e em face dessa ambrósia tudo o mais é intragável. Tratar com os homens idos é muito diferente de andar aos empurrões com os vivos: daqueles o tempo não deixou senão uma recordação vaga, enquanto que êstes estão erriçados com os espinhos envenenados dos interesses.

Eu vou muito bem na minha convalescença (2). Mas não sei quando nos veremos. Falando-lhe com a franqueza da nossa amizade, dir-lhe hei que estamos

(1) Luis de Magalhães deixou nesta altura de fazer parte do Ministério de João Franco, que foi remodelado, começando então a Ditadura franquista, tão bem intencionada para servir o País, mas que a tão funestos resultados o conduziu.

(2) Alberto Sampaio resistiu a esta crise, mas no ano imediato, 1 de Dezembro de 1908, falecia, na Quinta de Boaimense.

aquí numa crise de criadagem, e por isso a sua visita, que eu do coração tanto estimava, tem de ser adiada para ocasião em que haja ministério completo. Estou a ver que nos Estados é mais fácil a anormalidade que no *house hold*. Dêste modo teremos de trocar por emquanto as nossas impressões epistolarmente, certo que a sua bondade me desculpará a familiaridade da minha exposição. Pode ser que na segunda quinzena ou fim dêste mês eu vá ao Porto, o que depende do progresso na volta do *statu quo ante*.

Quanto ás *rebus publicis Portugaliae*, saberá que a situação me tem dado muito que conjiminar. Depois de fazer e desfazer teorias, cheguei á seguinte conclusão que submeto ao seu juízo. O que governa hoje não é nem pode ser uma dictadura, porque tais apoiam-se sempre em grandes partidos: assim foi na antiguidade a de Cesar, apoiado na democracia romana; assim nos tempos modernos a do duque de Morny, apoiado, nos milhões de proprietários rurais e capitalistas franceses. Nada há disso cá: nenhum partido impõe ao chefe a defeza dos seus interesses. Devemos pois concluir por um governo pessoal, de que não faltam exemplos na história pátria, e alguns muito bons, como o de Pombal. Esta forma política vai bem ao nosso indiferentismo ou falta de interesses nacionais a defender. Resta que o governo tenha boa cabeça ou *brains*, como dizem os ingleses, e saiba dirigir o chaveco por entre as circumstancias da actualidade. Admitida esta hipótese, termino pelo voto — *Deus guie sua senhoria*.

E com isto termino a palinódia. Faça-me a mercê de apresentar os meus mais respeitosos cumprimentos a sua Ex.^{ma} Esposa e Filhinas: e receba um grande abraço

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

Sociedade Martins Sarmiento

Instituição fundada em 1882

Promotora da Instrução Popular no Concelho de Guimarães

Louvada em Portarias de 20-XI-1882, 8-III-1901 e 9-II-1940

Considerada de Utilidade Pública, por Dec. de 30-XII-1926

Condecorada com o Grande-Oficialato da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada

Biblioteca e Arquivo de Manuscritos.

Museu de Arqueologia, Numismática, Arte e Etnografia.

Estações Arqueológicas de Sabroso e da Citânia de Briteiros

(a 15 quilómetros de Guimarães).

Revista de Guimarães

Compram-se na S. M. S. os seguintes números:

Do 1.º vol. (1884) os n.ºs 2, 3, 4	Do 13.º vol. (1896) os n.ºs 1, 2
Do 2.º vol. (1885) os n.ºs 1, 2, 3, 4	Do 14.º vol. (1897) os n.ºs 1, 2, 3
Do 3.º vol. (1886) os n.ºs 1, 2, 3, 4	Do 15.º vol. (1898) o n.º 3
Do 4.º vol. (1887) o n.º 1	Do 18.º vol. (1901) os n.ºs 1, 2
Do 5.º vol. (1888) os n.ºs 1, 2, 3, 4	Do 32.º vol. (1922) os n.ºs 2, 4
Do 6.º vol. (1889) os n.ºs 1, 2	Do 33.º vol. (1923) os n.ºs 2, 3
Do 7.º vol. (1890) os n.ºs 1, 2, 3, 4	Do 34.º vol. (1924) os n.ºs 1, 2, 3
Do 8.º vol. (1891) os n.ºs 1, 2, 3, 4	Do 35.º vol. (1925) o n.º 1
Do 9.º vol. (1892) o n.º 1	Do 36.º vol. (1926) o n.º 3
Do 11.º vol. (1894) os n.ºs 3, 4	Do 44.º vol. (1934) o n.º 1.
Do 12.º vol. (1895) os n.ºs 1, 2, 3, 4	

Vendem-se volumes completos aos preços seguintes:

Volume 10.º (1893)	15\$00	cada
Volumes 16.º, 17.º e 19.º a 29.º (1899 a 1912).	12\$00	>
Volume 30.º (1913)	6\$00	>
Volume 31.º (1921), 37.º (1927) e seguintes.	10\$00	>

Vendem-se números avulsos aos preços seguintes:

Dos volumes 1.º a 29.º (1884 a 1912)	4\$00	>
Dos volumes 31.º (1921) e seguintes.	3\$00	>

Edições da Sociedade Martins Sarmiento:

Guimarães e Santa Maria, por Oliveira Guimarães (Abade de Tâgilde)	5\$00
Abastecimento de águas potáveis, por Oliveira Guimarães	3\$00
Romagem dos Séculos, por Eduardo de Almeida	10\$00
A Tradição e a Terra, por Joaquim Costa	5\$00
Alberto Sampaio, por Jaime de Magalhães Lima	7\$00
Citânia e Sabroso, por Mário Cardozo	10\$00
Colecção de estampas, por Tibúrcio de Vasconcelos	7\$00
Catálogo do Museu de Martins Sarmiento, por Mário Cardozo:	
I parte (<i>Epigrafia</i>)	15\$00
IV parte (<i>Arte e Etnografia</i>)	7\$50
Citânia e Sabroso (notícia resumida), por Mário Cardozo	2\$00

D I S P E R S O S

Colectânea de artigos publicados por Martins Sarmiento, desde 1876 a 1899, sobre Arqueologia, Etnologia, Mitologia, Epigrafia e Arte Pre-Histórica.

Obra comemorativa do 1.º Centenário do nascimento do Autor, ilustrada com 71 gravuras e realizada sob os auspícios da Soc. Martins Sarmiento.

Papel de linho, 100\$00. Papel de algodão, 50\$00.

Pedidos à Imprensa Nacional de Lisboa

“REVISTA DE G VIMARÃES”

VOLVME ESPECIAL PVBLICADO EM 1940

Colectânea de Estudos de investigação histórica relativos às épocas da FUNDAÇÃO e da RESTAURAÇÃO de Portugal. Colaboração literária de alguns dos mais notáveis Professores e Eruditos nacionais. Edição da Sociedade Martins Sarmiento, subsidiada pela Câmara Municipal de Guimarães.

Artística obra de luxo, de esmerada apresentação, com numerosas fotogravuras de página, desenhos e duas tricromias. Formosa recordação do DUPLO CENTENÁRIO e valiosa espécie bibliográfica.

Um volume de 0,24 x 0,32, com 276 páginas.
Preço 60\$00 escudos.

Pedidos à Sociedade Martins Sarmiento

“Vimaranis Monvmenta Historica a saecvlo nono post Christvm vsqve ad vicesimvm”

Obra patrocinada pela Câmara Municipal de Guimarães e coligida pela Soc. Martins Sarmiento

Um grosso volume, de cerca de 540 páginas in-fólio, contendo 285 documentos, na sua maioria inéditos e do mais alto valor subsidiário para a História da Nacionalidade Portuguesa, referentes ao território vimaranense e seu antigo alfoz. Foram extraídos, principalmente, do precioso Arquivo da Colegiada de Guimarães e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Volume completo (I e II partes) . . . 100\$00

Pedidos à Sociedade Martins Sarmiento — GUIMARÃES

REVISTA DE GVIMARÃES



Sumário :

Manuel Monteiro — <i>Correspondência inédita de Alberto Sampaio para Rocha Peixoto</i>	265
Pedro Vitorino — <i>Uma gravura e o correspondente desenho</i>	293
Luís de Pina — <i>Antônio Vieira e os Médicos no Sermão de São Lucas</i>	297
F. Alves Pereira — <i>Páginas inéditas</i>	312
Alberto Cardoso de Menezes — <i>Estudo de um plano de fomento colonial</i>	331
Belisário Pimenta — <i>A propósito da retirada de Soutt em 1809</i>	345
Luís Chaves — <i>Danças religiosas</i>	372
Henrique de Campos F. Lima — <i>Retratos litografados de artistas líricos</i>	388
Luís Pinto Garcia — <i>Catálogo da Secção de Numismática do Museu de M. S.</i>	412
Mário Cardoso — <i>Monumentos Nacionais</i>	420
<i>A Biblioteca Sarmiento</i>	421
<i>Boletim</i>	427
<i>Relação dos Sócios da S. M. S.</i>	447

REVISTA DE G VIMARÃES

FUNDADA EM 1884

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DA
SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

PUBLICA-SE TRIMESTRALMENTE, EM FASCÍCULOS DE 48 PÁGINAS

PREÇO DO FASCÍCULO:

3 \$ 00.

POR ASSINATURA:

1 ANO (4 fascículos) - **10 \$ 00.**

Os artigos publicados nesta Revista são da plena
responsabilidade dos seus Autores.

A colaboração é solicitada.

Tôda a correspondência deve ser endereçada à sede da
Sociedade Martins Sarmiento — GUIMARÃES.